Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI • nº 235 • Uberaba/MG • de 17 a 23 de fevereiro de 2003

Realismo fantástico

Uma cidade Sobrenatural

Histórias fabulosas registram cotidiano mágico da cultura popular de Uberaba

págs. 6, 7, 8 e 9

Universidade

Uniube inaugura campus em Uberlândia

pág. 3

Movimento pela paz

Manifestantes protestam contra guerra no Iraque

pág. 4

issuu-downloader.com

Editorial

Preconceito e Identidade cultural

Ainda impera nos meios ditos "cultos" ou "intelectualizados" da sociedade uma certa concepção de cultura que, a pretexto de tentar determinar as formas mais refinadas da criação de um povo, acaba por elitizar e restringir a possibilidade de experiência estética a poucos "iniciados". Os defensores dessa tese argumentam que as camadas populares não são capazes de desenvolver atividades culturais porque não têm instrução, sofisticação ou fineza de espírito.

No entanto, essa forma de entender a cultura mostra-se bastante limitada quando a contrapomos com a leitura antropológica deste fenômeno humano. As realizações culturais de um povo, em sua livre exuberância, constituem-se de toda a diversidade de crenças, mentalidades, percepções, ritos e soluções que o grupo estabelece no relacionamento cotidiano com os outros e com o mundo. É no âmbito da cultura que os seres humanos imaginam a realidade, elaboram sentidos e constróem a experiência da vida. Não é só na abstração das belas-artes que a alma humana alcança o apogeu, mas isso acontece, sobretudo, nas grandes experiências existenciais da própria vivência do dia-a-dia.

É no âmbito da cultura que os seres humanos imaginam a realidade, elaboram sentidos e constróem a experiência da vida

Essa vigorosa criatividade da cultura popular, manifestada primordialmente através de práticas cotidianas e relatos orais, constitui-se, portanto, em grande riqueza social, dotada de poderosa inteligência coletiva, além do alto teor afetivo. Essa cultura preenche nossas vidas de sentido, desde o mundo encantado da infância até o período de nostalgias amorosas da velhice. Além disso, num momento em que a defesa das identidades culturais torna-se tão importante para combater a avalanche da chamada "indústria cultural" e a lamentável tendência de certa elite intelectual em macaquear efusivamente qualquer modelo estrangeiro, beber na fonte da cultura popular pode ser um "santo remédio".

Painel do leitor

O Museu casa do Sertão e Centro de Estudos Feirenses, com imensa satisfação, vêm através deste, parabenizar o Jornal Revelação pela edição deste jornal que vem tão bem contribuir com um material de ótima qualidade enriquecendo a cultura do público leitor.

O referido jornal, com notícias e comentários diversificados e educativos, proporcionando aos seus leitores um leque de informações que vai desde artes à educação ambiental contribui também, e muito, para a formação do nosso povo.

Assim, muito nos honra parabenizá-los por este jornal tão bem conceituado não só dentro como também fora do mundo acadêmico.

Que a mebcionada produção possa, cada vez mais, contribuir para a formação e informação do nosso povo.

Cordialmente
Maria Lucia barreto
Diretora do Museu casa do Sertão e Centro de Estudos Feirenses

Errata

Na reportagem "As mãos por trás da magia", publicada na edição 234 do Revelação (pág. 5), foram encontradas duas incorreções no texto. Segundo o crítico de cinema Guido Bilharinho, os cinemas eram precários no começo do século XX, e não na década de 40, como registrou o texto. Além disso, o Cine Uberaba Palace não foi o primeiro da cidade. Ele só seria inaugurado em 1959. Antes já funcionavam o Cine Politeana, o Cine Triângulo, o Cine Alhamboa, entre outros.

Ombudsman

Professor-*máquina*

Newton Luís Mamede

Um dos desvios atuais do exercício do magistério, tanto nas séries do ensino fundamental e médio, quanto na universidade, é a "automação" do professor. Não resta a menor dúvida de que os constantes avanços da tecnologia atingem, necessariamente e com reconhecida vantagem, as práticas didáticas e os métodos pedagógicos, modernizando o ensino e atualizando os recursos e as atividades dos estudantes. Ninguém contesta isso, não procede com inteligência quem repele e condena a modernidade sadia e útil.

Ocorre, porém, que nem todos os setores, nem todos os educadores, nem todas as pessoas e entidades que lidam com o ensino estão sabendo como utilizar desses modernos recursos e condutas no dia-a-dia do trabalho escolar, do trabalho pedagógico, da prática concreta do magistério. Não está havendo a dosagem correta, estão ocorrendo desvios decorrentes do desconhecimento e da má aplicação dos recursos oferecidos pela moderna tecnologia. Talvez a exacerbação e o deslumbramento diante do novo, do moderno e do fantástico tenham conduzido a esse mau uso.

É preciso, pois, saber usar a máquina como instrumento de transformação humana, mas não de transformação do homem (e do professor) em máquina...

É freqüente vermos livros e outros tipos de material didático que contêm mais repetições de fórmulas e jogos mnemônicos do que exposição discursiva dos conteúdos das disciplinas e das ciências a que eles se referem. Exposição que conduza à reflexão e ao questionamento. Além, evidente e tragicamente, de erros de informação e de conteúdo, ou "doutrina". E tudo isso, como conseqüência óbvia, atinge o professor. A pressa e o fascínio diante da máquina levam ao mau preparo e à superficialidade de conhecimento, à rapidez da aprendizagem do professor e à rapidez das informações, meros "repasses" de conteúdos.

Então, chegamos ao professor-*máquina*, aquele que simplesmente decora e repete informações e conteúdos, num automatismo que não sabe explicar o porquê dos fenômenos, dos fatos e dos elementos que constituem o objeto de seu conhecimento e de seu magistério. Fato que está grassando assustadoramente no ensino fundamental e médio. No ensino superior, dada a sua natureza, o caso é mais ameno. Mas já existe.

O professor-*máquina* não ultrapassa o limite do assunto preparado para "aquela" aula que ele está ministrando "naquele" horário; ele não extrapola os conhecimentos e os conteúdos do livro-texto, ou melhor, do "capítulo-texto"; ele não sabe outros exemplos além daqueles já citados no livro, ou no *disquete*, ou no *CD-Rom*; ele não "aceita" perguntas, ou dúvidas, ou questionamentos dos alunos, que não estejam rigorosamente dentro da "matéria" ministrada no momento da aula; ele não sabe criar os próprios recursos para explicar os assuntos e fenômenos da disciplina que ministra; ele não sabe **personalizar** os seus programas, sejam os de conteúdo, sejam os de recursos que constituem a sua conduta em sala de aula e na escola; finalmente, o professor-*máquina* é um fiel e preciso autômato do diretor e demais autoridades da escola em que trabalha. Mesmo que os atos e a conduta dessas autoridades deixem a desejar e desvirtuem-se dos objetivos precípuos e essenciais da educação, o professor-*máquina* acata, "respeita" e ***endossa*** ao pé da letra tudo o que esses superiores determinam. É um submisso passivo.

O equilíbrio é um dos preciosos dotes da inteligência humana. Saber usar a máquina, a tecnologia, a modernidade para o conforto e para a facilitação da vida é um ato de inteligência superior. Mas o equilíbrio abole o mau uso, o abuso, o desvio para o mal e para o prejuízo. A máquina ajuda o homem a se transformar. É preciso, pois, saber usar a máquina como instrumento de transformação humana, mas não de *transformação do homem (e do professor) em máquina...*

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Secretário de Redação: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Universidade

Uniube inaugura campus em Uberlândia

Convênio prevê a instalação da Incubadora de Empresas de Software

Da assessoria de Imprensa

Um seminário sobre engenharias, que aconteceu na semana passada, marcou o início das atividades pedagógicas da Uniube em Uberlândia. A inauguração oficial do campus aconteceu na noite de 10 de fevereiro, com a presença do Ministro dos Transportes, Anderson Adauto. A solenidade reuniu ainda diversas autoridades políticas, empresários e representantes do setor de ensino daquela cidade.

A direção do campus está entregue ao Senador Ronan Tito que em seu discurso de saudação fez referência ao pioneirismo de Mário Palmério, responsável por dotar Uberaba, num espaço de tempo inferior a dez anos, de uma importante estrutura para o ensino de graduação, garantindo aos jovens triangulinos daquela época acesso ao ensino superior.

Já o Prefeito Zaire Rezende lembrou em seu discurso que a instalação do campus representa uma importante conquista para Uberlândia. "Somos hoje um importante pólo de ensino superior e a vinda da Uniube contribui ainda mais para solidificarmos nossa posição", destacou Zaire Rezende.

Neuza das Graças

O reitor da Uniube, Marcelo Palmério, participa da inauguração acompanhado de diversas autoridades

O Ministro dos Transportes, Anderson Adauto, defendeu em sua fala a necessidade de ações conjuntas entre as duas principais cidades do Triângulo Mineiro como forma de garantir o desenvolvimento da região. Anderson Adauto aproveitou sua fala para reforçar sua posição em relação a principal prioridade do Ministério dos Transportes, que é a recuperação das rodovias brasileiras, garantindo que não faltarão recursos para execução das obras. "Apesar de todos os cortes no orçamento, o Governo aplicará no setor dos transportes, já neste primeiro ano, um volume de verbas maior que nos anos anteriores", destacou o ministro. No final, Adauto enfatizou que "com a implantação desta nova unidade, a Uniube contribui para que o Brasil possa ter aquilo que ele mais necessita, que são técnicos sérios e competentes que vão ajudar o Brasil a crescer esse desenvolver".

Para adequar as instalações às necessidades da nova Universidade, foi necessário um amplo processo de reformas

Em nome da Uniube e da Sociedade Educacional Uberabense, o Reitor Marcelo Palmério agradeceu o apoio recebido das autoridades uberlandenses e da Secretaria Estadual da Educação no processo de parceria que garantiu a instalação do campus. Destacou o empenho de todos os profissionais que trabalharam na implantação do projeto e pediu licença para um agradecimento especial: "ao homem que criou, há 55 anos, a nossa Instituição. Ao filho de um imigrante culto, que começou a vida como professor, fundou escolas, exerceu a vida pública, escreveu livros, viveu aventuras sertanistas, levando a todo mundo o depoimento entusiasmado das riquezas de sua região, de seu país e de suas gentes. Mário Palmério, meu pai". No final pediu ao Prefeito Zaire Rezende e ao Ministro dos Transportes, Anderson Adauto que o acompanhassem no descerramento do retrato de Mário Palmério que está colocado no salão de leitura da Biblioteca.

No início, serão oferecidos os cursos de engenharia civil, engenharia de computação e engenharia elétrica

Para implantação do campus, autorizado pela Portaria do MEC nº 2.728, de 25 de setembro de 2002, a direção da Uniube assinou convênio com a Secretaria Estadual da Educação para utilização do prédio onde funcionava a Escola Estadual Américo René Gianetti. Para adequar as instalações às necessidades da nova Universidade foi necessário um amplo processo de reformas, incluindo a remodelação e modernização do espaço físico. Uma área de 6.000 metros quadrados, distribuídos em dois pavimentos, irá abrigar salas de aula, laboratórios, biblioteca, salas para professores, direções de cursos e reuniões, anfiteatro e setor administrativo. Além disso, foram feitos investimentos em novos equipamentos e na formação do acervo bibliográfico. No início, serão oferecidos os cursos de engenharia civil, engenharia de computação e engenharia elétrica.

Convênio

Após a solenidade de inauguração, aconteceu a assinatura de convênio entre a Uniube e o Trisoft - Núcleo Softex do Triângulo, que prevê a instalação da Incubadora de Empresas de Software. A Incubadora vai abrigar seis empresas de informática no Campus de Uberlândia, a partir de abril. Um outro convênio prevê a instalação, na Unitecne, do Núcleo Trisoft/Uberaba integrando a cidade ao programa Softex brasileiro.

issuu-downloader.com

Protesto

Uberaba realiza ato contra a guerra

Manifestantes reuniram-se no centro da cidade para pedir paz

Revelarte

Sana Suzara
7º período de jornalismo

Em todas as partes do mundo, no último dia 15 de fevereiro, foram realizadas manifestações contra uma possível guerra entre Estados Unidos e Iraque. Manifestantes de todo o mundo protestaram contra a insistência dos EUA em promover uma guerra contra o Iraque. Na Europa 10 milhões de pessoas manifestaram e nos Estados Unidos a iniciativa divide a opinião pública, onde foram registrados mais de 200 pontos de manifestações em todo o país.

Manifestantes de todo o mundo protestaram contra a insistência dos EUA em promover uma guerra contra o Iraque

Em Uberaba líderes dos Partidos Socialista dos Trabalhadores Unificado, PSTU e Partido Comunista do Brasil, PC do B, e Central de Movimentos Populares - CMP, Fórum Marxista, Grupo de Capoeira Sol Nascente, instituições de ensino como o Colégio Nossa Senhora das Dores e a Universidade de Uberaba-Uniube e a população que transitava pelo calçadão da Artur Machado no centro da cidade, passaram toda a manhã do sábado registrando seus protestos.

Indignado com a atuação dos Estados Unidos e alegando que o interesse desse país seja exclusivamente econômico,o Secretário Geral do PSTU Adriano Espíndola defende a importância da mobilização de todos pela paz e para derrotar militarmente os Estados Unidos. Segundo Espíndola, ao demonstrar seu descontentamento, as massas estão se utilizando de uma significativa ferramente neste sentido. Por menor que seja uma manifestação popular, ela é mais uma que se somará ao todo.

Cada grupo de representantes expressou seu ponto de vista de acordo com sua área de atuação e suas características próprias, uma turma de adolescentes do Colégio Nossa Senhora dos Dores, por exemplo apresentaram uma montagem teatral, uma banda de música e três professores da instituição expressaram seu ponto de vista sobre as consequências de uma possível guerra.

Segundo a Irmã Maria Helena, professora do colégio Nossa Senhora das Dores, a mobilização por parte dos jovens da instituição nasceu através de leituras e discussões em salas de aula de reportagens sobre o assunto. E a participação dos alunos nas manifestações do Dia Internacional contra a Guerra foi uma iniciativa dos próprios jovens, através do grupo União dos Adolescentes Idealistas e do Teatro Amadurada, UAI, da qual todos os integrantes são alunos da instituição.

"Enquanto não atingir a própria pele, o povo não se preocupará com o mundo que está aí pegando fogo"

Para a estudante Roseane Bueno Bruno, 12, membro do grupo UAI este tipo de evento é importante para conscientizar os cidadões sobre a importância da paz. Ela teme que a guerra seja deflagrada e que suas consequências venham a ser um pesadelo para todos.

Despertar da consciência

As pessoas passavam de um lado para o outro, transitando pelo calçadão, mas poucas pararam para ouvir ou expressar seu ponto de vista a respeito. Irmã Regina é da Congregação Carmelita compareceu à manifestação e faz um comentário sobre a indiferença da população: "É de suma importância e pouco valorizado pela sociedade que não compreende e que não caminha junto com a realidade do mundo. Acredito que s comunidades mais distantes geograficamente dos países envolviddos diretamente no conflito ainda estão um pouco acomodadas e desinteressadas, porque ainda não despertaram a consciência do que está acontecendo ou até mesmo o que está para acontecer. Caso não nos unirmos em uma corrente forte de manifestação, de partilha,de solidariedade, de interesse pelo nosso planeta".

Irmã Regina finaliza seu comentário com um desabafo: "enquanto não atingir a própria pele, o povo não se preocupará com o mundo que está aí pegando fogo, com a guerra que está muito próxima. Eu disse guerra de comodismo de injustiça, de ignorância mesmo de não querer ou não entende, a guerra de isolamento".

issuu-downloader.com

Fotografia

Memórias de Sacramento

Fotógrafo traz visão pessoal de casarões de fazendas

Da redação

O fotógrafo e artista plástico Paulo Rezende expõe, na galeria virtual do site http://www.respira.hpg.com.br, uma visão pessoal de alguns casarões da cidade de Sacramento (MG) construídas no século XIX. Através do registro de construções simples, o fotógrafo evoca cenários típicos do cotidiano de uma cidade de interior, e inspira certa nostalgia das histórias da vida na roça.

"Escolhi Sacramento, porque é a cidade onde sempre vou e onde tenho alguns irmãos morando. Meu pai nasceu nessa cidade e temos fazendas lá. Sacramento é uma cidade centenária e achei interessante registrar essas antigas casas de fazenda (hoje dentro da cidade), de chácaras ou de residências. São poucas, algumas sendo reformadas - às vezes perdendo a antiga caracterização, ou mesmo se desmanchando pelo abandono. Seus antigos moradores foram pessoas de destaque na antiga cidade (por exemplo, Eurípedes Barsanulfo - famoso espírita morto em 1930. Há romarias nos dias de seu nascimento e morte. Eurípedes morou na casa onde Heigorina, continuadora de sua missão, reside atualmente."

fotos: Paulo Rezende

Moradia de Fazenda. Família Cirilo. (Cozinha, Banheiro e Dispensa)

Chácara Triângulo. Família Major Ataliba José da Cunha Proprietária atual: Heigorina Cunha.

Moradia de Fazenda. Família Cirilo

Moradia de fazenda de Joaquim Martins Borges. (Vista para o exterior)

Moradia de fazenda de Hugo Rodrigues da Cunha. (Entrada do Pátio interno)

Moradia de fazenda de Joaquim Martins Borges (Entrada do Porão)

issuu-downloader.com

Realismo fantástico é rotina no cotidiano de Uberaba

Histórias de assombrações, criaturas mágicas e fenômenos sobrenaturais fazem parte do dia-a-dia da cidade

André Azevedo
3º período de Jornalismo

Dr. Humbeto Ferreira, famoso médico de Uberaba, falecido em 2002, foi um importante pesquisador da doença de Chagas e um pediatra muito querido pelas famílias da cidade. Era notório seu espírito caridoso. Dr. Humberto sempre atendia de graça as pessoas que não podiam pagar. Não se sabe se era promessa, superstição, ou simplesmente um hábito de bom samaritano, mas o fato é que o médico também não costumava cobrar consultas realizadas depois da 18hs – nem mesmo em emergências domiciliares. A história a seguir foi relatada pelo professor da Uniube, Newton Mamede, que a ouviu do próprio Dr. Humberto em uma entrevista de TV.

De boca a boca, histórias adquirem novos sabores e acabam por reunir ingredientes significativos do imaginário coletivo

Era noite. Em uma casa localizada num determinado bairro da cidade, uma família sofria e chorava por causa da menina doente. Ela estava muito mal, a coisa parecia ser grave, e os pais, pessoas simples, não sabiam o que fazer, nem tinham condições para levá-la a um hospital. De repente, toc toc toc, batem à porta: era o Dr. Humberto, que dizia ter sido chamado para atender a criança. A família ficou surpreendida com a visita inesperada. O médico logo se aproximou, examinou a garota, fez o diagnóstico, recomendou alguns procedimentos e encaminhou para o tratamento.

A nuvem da desgraça pareceu ter se dissipado daquela casa. A menina estava salva. Todos ficaram mais tranqüilos, graças à confiança que depositavam nos cuidados do pediatra. Mas ficaram também curiosos, pois ninguém da casa havia ligado para ele. *Quem havia chamado o Dr. Humberto?* Depois de alguma conversa, tomaram coragem e perguntaram. O médico olhou para uma das velhas fotografias emolduradas na parede, apontou para uma delas e disse: "Foi aquela mulher ali".

Foi como uma facada no coração. Houve gritos, sustos, olhos arregalados, suores frios, parece que alguém desmaiou. Dr. Humberto assustou-se também com a reação. Uma das mulheres na casa, pálida e meio sem voz, explicou a ele, gaguejando e tremendo as mãos, que a mulher da fotografia, a tal que, segundo o médico, o havia chamado para salvar a menina… ai cruz credo, havia morrido há anos!

Histórias de fantasmas, criaturas mágicas e fenômenos sobrenaturais são frequentes em uma cidade mineira de forte cultura religiosa como Uberaba. Mesmo os moradores urbanos, mais céticos e racionalistas, ainda guardam um ou outro caso fantástico para contar – e juram de pés juntos que é tudo verdade. Além disso, um dos fatores que enriquecem esses relatos populares – característica fundamental na tradição da história oral – é a diversidade das versões, ou seja, cada um que ouve um caso acrescenta elementos de seu universo cultural ao contá-lo. De boca a boca, temperadas pelo contexto histórico, as histórias adquirem novos sabores e acabam por reunir os ingredientes mais significativos do imaginário coletivo de uma época.

O professor Mamede lembra da divertida insolência de seu pai – um pequeno exemplo da riqueza anárquica da criatividade popular. Quando o velho lascava uma piada, costumava atribuir as situações ridículas dos personagens anônimos a alguns nomes conhecidos da vizinhança, e contava a história como se o caso fosse verdadeiro. "Por exemplo, em uma piada que tinha um bêbado, em vez de começar dizendo: *era uma vez um pinguço que pediu um ovo no bar, etc*..., ele se lembrava de algum bebum conhecido no bairro e dizia*: sabe o Zé Maria, marido da dona Joana que mora ali na rua de baixo? Pois é, esses dias ele pediu um ovo no bar*...", conta Mamede, às gargalhadas.

Quando o velho lascava uma piada, atribuía as situações aos conhecidos da vizinhança, e contava a história como se fosse verdade

Mesmo com a diversidade dessa literatura oral, algumas situações e personagens se repetem. É difícil quem não conheça alguma variação da história da mulher fantasma que assombra o caminhoneiro na estrada; do

reprodução

Mulheres misteriosas aparecem, revelam segredos e combinam encontros... até que acabam descobrindo que a defunta estava morta há mais de 20 anos

defunto que aparece e dá o endereço do cemitério e – uma das mais populares – do morto que dá recados e é identificado através de foto, como no caso do Dr. Humberto. Independente das interpretações ao gosto do freguês (místicos, psicanalistas, espíritas, evangélicos, católicos, umbandistas, céticos, etc), mas sem dúvida influenciado pela literatura espírita muito presente na região, o fato é que, verdadeiras ou não, essas histórias constituem-se em referências culturais da identidade de Uberaba, e influenciam fortemente no sistema de valores dos moradores. A jornalista e professora da Uniube, Celi Camargo, guarda uma história boa, da categoria "morto que dá recados e é identificado através de foto":

Pensou até em mostrar uma foto da finada para esclarecer o engano ou – Deus me livre e guarde – confirmar a aparição da defunta!

"Fazer matéria de finados é aquela pentelhação sempre", brinca a jornalista. Ela queria pautar alguma coisa de diferente para publicar no jornal e encontrou uma senhora que trabalhava lavando túmulos no cemitério. "Perguntei se ela tinha uma história 'daquelas'. Ela disse que sim, e me contou o seguinte:

– *Uma senhora muito vistosa, usando um vestido "mamãe dolores" (vestidinhos estampados, com saia rodada) pediu que eu lavasse um certo túmulo. Mas ela disse que estava com pressa, não podia esperar que eu terminasse. Mas garantiu que, depois que eu lavasse, era pra procurar em um endereço que me deu, perto do Uberabão, e ir lá receber o pagamento.*

A lavadora de túmulos foi ao endereço indicado, mas a dona que atendeu a porta disse que não era lá. A velha insistiu e decidiu não arredar pé, porque tinha certeza que o endereço estava certo. Descreveu a senhora do vestido *mamãe dolores* e queria receber o pagamento. A dona da casa – ela estava fazendo almoço – percebendo que a velha estava bem intencionada, pediu para que entrasse. Na verdade, outra coisa cutucara sua hospitalidade. Desde o momento em que a velha fizera a descrição, a dona estava ressabiada, porque a moça do vestido *mamãe dolores,* por algum motivo estranho, ai ai ai, a fizera lembrar-se da irmã, morta há mais de doze anos. Pensou até em mostrar uma foto da finada para esclarecer o engano ou – Deus me livre e

issuu-downloader.com

guarde – confirmar a aparição da defunta!

Não deu tempo nem de respirar. Logo ao entrar, a velha viu a foto na parede e disparou: *a senhora que me procurou é parecida com aquela lá.* Mas a imagem era de uma foto antiga, de quando era ainda jovem, podia ser um engano, Medalha Milagrosa! Aí, a irmã correu para o quarto e trouxe fotos menos antigas. E não é que na primeira batida de olhos a velha agarrou uma foto e confirmou: *olha ela aqui!*

Um arrepio profundo subiu pela espinha e apertou o coração da mulher, que desatou num choro amargo. Confirmou que a irmã fora enterrada com o tal vestido, e confessou que não visitava o túmulo há tempos. Pagou a velha e prometeu que iria visitar a irmã no cemitério. "O fotógrafo que acompanhava morre de medo dessas histórias e nem quis acompanhar o final do relato. Ficava lá de longe dizendo, vambora, vambora!", lembra-se Celi.

Mulher do algodão

Uma das criaturas sobrenaturais que mais apavoraram o imaginário infantil nas escolas foi, sem dúvida, a Mulher do Algodão. Em muitos colégios da cidade a assombração ainda é popular. Há várias versões para seu nome: Mulher de Algodão, Maria do Algodão, Loira do Algodão, Mulher do Espelho (porque ela sempre apareceria primeiro pelo espelho), entre outros. No entanto, a personagem é a mesma. Trata-se, basicamente, de uma defunta toda de branco, com algodão enfiado nos olhos, nariz e ouvidos, que aparece em banheiros de colégio para assustar os pirralhos.

Há pelo menos duas versões para a sua origem. Dizem que ela era uma aluna apaixonada por um professor que não dava bola pra ela. Desiludida, cometeu suicídio no banheiro do colégio. Desde então, vem aparecendo para perguntar pelo professor amado. Outros relatos afirmam que a estudante foi esquartejada por um psicopata que, num ritual macabro, jogos seus restos na privada.

reprodução / Revelarte

Mulher do Algodão aparece em banheiros de colégio para aterrorizar os pirralhos

reprodução

Tem gente que garante ver um diabo devorando o garoto quando o quadro é virado de lado ou de ponta à cabeça

Não se sabe direito o que ela faz com as crianças no banheiro (se é que é uma defunta que aparece de repente precisa fazer mais alguma coisa), mas alguns relatos dizem que ela fura os olhos dos meninos, caso eles não levem algodão para ela.

O publicitário Lungas Neto afirma que, segundo a lenda, para que a defunta apareça é necessário certo ritual. Algumas versões falam em permanecer no banheiro e invocá-la três vezes. *"–Mulher do algodão, mulher do algodão, mulher do algodão."* Outros dizem que deve-se dar três descargas na privada. Mas as maneiras de invocá-la também se alternam bastante.

Lungas afirmou que, quando cursou o primário no colégio Corina de Oliveira, ninguém conhecia a lenda. "Eu que levei a história lá, meu primo havia me contado. Espalhei no colégio todo." Segundo ele, a lenda pegou entre os colegas e todos passaram a morrer de medo de demorar muito no banheiro: *vai que a desgraçada aparece!* Ironicamente, o que dava mais veracidade à lenda da Mulher do Algodão era que ninguém nunca a havia visto, pois moleque nenhum tinha coragem de dizer seu nome três vezes e ficar lá pra conferir.

A jornalista Celi Camargo afirmou que, em sua época de colégio Tiradentes, em 1980, a lenda dizia que nem era preciso invocá-la: a defunta aparecia, sem mais nem menos. Ela contou que, certa vez, um colega que estava de braço quebrado arrancou o algodão de baixo do gesso e espalhou tudo no banheiro. Aí foi aquele alvoroço na escola. "O pânico existia mesmo! As meninas choravam. Havia uma confusão entre verdade e ficção. A diretora e os professores foram lá ver. Foi um alvoroço." Celi tem uma hipótese para a popularidade da lenda da Mulher do Algodão: "Talvez essa história tenha surgido para limitar a permanência das crianças no banheiro. É lá que os meninos se escondem para fumar pela primeira vez, para ensaiar as primeiras experiências sexuais". Para ela, uma assombração que aparece no banheiro seria a "pessoa" mais conveniente para "vigiar" os pirralhos mais atrevidos.

Na quaresma, havia um lenda de que, se a criança dissesse qualquer palavrão, aparecia a "Desgraça Pelada"

Magrelo, da banda *Os Kretinos*, confirma as histórias da Mulher "de" Algodão – como fez questão de frisar. Ele conta que, nos seus tempos de grupo Brasil, nos anos 80, a defunta metia tanto medo nas crianças que uma garota, certa vez, chegou a fazer xixi nas calças por não ter tido coragem de ir ao banheiro. "Meu amigo e eu gostávamos de percorrer a sala engatinhando para ver as calcinhas das meninas. Aí, percebemos que, em uma das carteiras, estava pingando uma água, ou sei lá o que. Então vimos a menina curvada, tentando limpar uma poça de xixi com um lencinho". Quando a garotinha percebeu que era observada pelos *voyeurs mirins*, tapou o rosto e levantou-se chorando. E os dois capetas, evidentemente, passaram a cantar para a sala às gargalhadas: *"Ela mijou na sala! Ela mijou na sala!"*

Desgraça pelada

Na quaresma, havia uma lenda de que, se a criança dissesse qualquer palavrão, aparecia a "Desgraça Pelada". Algumas versões mais pudicas dizem que ela aparecia atrás da porta, com a mão protegendo *as partes*. "Eu nunca soube o que era a Desgraça Pelada. Devia ser uma coisa muito ruim", disse Celi Camargo.

Anjos e demônios são personagens bastante presentes no imaginário infantil. Apesar de um representar o bem e o outro o mal, ambos assustavam os meninos. "Em casa éramos muito religiosos. Na hora do almoço, diziam que ficava cheio de anjos à mesa. Eu ficava morrendo de medo de esbarrar num. *Vai que eu cutuco ele, ou ele cai!*". Para Celi, esse temor, de certa forma, era benéfico, pois impunha disciplina nas crianças. "Tudo de errado que uma criança poderia fazer, eu não fiz porque Deus castigava. Quando chovia, diziam: tá vendo, como Deus tá bravo? Eu pensava: "Que eu fiz para Ele ficar tão bravo assim?"

Existe uma reprodução de um certo quadro, muito popular na decoração de casas de classe média, que há anos envolve uma aura sinistra e até hoje provoca apreensão em muitas pessoas. Na verdade, tem gente que não gosta nem de chegar perto do quadro. Trata-se de uma figura de um garoto chorando, vestindo uma pesada manta escura. Dizem que, se o quadro for virado de cabeça para baixo, ou mesmo tombado de lado, é possível enxergar a verdadeira imagem que o pintor, num pacto com o demônio, quis representar.

A fotógrafa Neuza das Graças conheceu o quadro ainda menina, nos anos 70, em uma visita a sua tia Mariinha. O quadro ficava bem na entrada da sala. Era grande, colorido, e viera de longe, contava a tia. A menina Neuza olhava intrigada: *por que o menino está chorando, se ele é tão bonitinho?* Então a tia lhe contou o que sabia. "–Dizem que o autor era um pintor medíocre e mal sucedido. Ele procurava várias maneiras para ser um pintor respeitado, mas em todas as tentativas "do lado do bem", fracassava. Aí, resolveu procurar o dito-cujo, que lhe propôs um pacto em troca da alma. Aceitando o trato, o diabo então falou que era pra ele dormir, e o que ele sonhasse deveria pintar na tela. E o que o pintor viu no sonho foi a criança sendo devorada pelo demônio". É por isso que a criança chora no quadro.

Maria José Ferreira de Moura, moradora do bairro Olinda, guarda uma reprodução desse quadro em casa. Ela disse que não conhecia a história, até que seus filhos comentaram com ela. Dona Maria afirma que nunca conseguiu ver nada de diferente no quadro, mas, por via das dúvidas, dependurou-o lá no quartinho dos fundos.

continua

issuu-downloader.com

Cultura

Crenças populares são riquezas culturais

Histórias transitam entre realidade e ficção para constituirem-se em documentos vivos da alma humana

André Azevedo
3º período de Jornalismo

O folclorista Luís da Câmara Cascudo considerava os contos populares como "um dos altos testemunhos da atividade espiritual do povo". Para ele, essas histórias ensinam a conhecer diversas facetas do espírito humano, pois agrupam informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas e sociais, constituindo-se em um documento vivo dos costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos de um grupo cultural. "Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular", escreveu.

No entanto, essas crenças, lendas e personagens fabulosos que habitam a cultura popular muitas vezes são desprezadas, vistas como manifestações de ingenuidade ou mesmo ignorância dos crentes. Por isso, é importante fazer uma breve reflexão sobre a questão da crendice popular.

Em seu *Dicionário filosófico,* Voltaire escreve que não é fácil demarcar as fronteiras da superstição.

> "Um francês que viaje para a Itália acha que quase tudo lá é superstição, e dificilmente estará enganado. O arcebispo de Canterbury afirma que o arcebispo de Paris é supersticioso; os presbiterianos lançam a mesma acusação contra sua reverendíssima de Canterbury e são por sua vez chamados de supersticiosos pelos quaker, que são vistos pelos cristãos como os mais supersticiosos dos homens".

Com esse texto, o filósofo francês mostra a tendência humana de difamar a posição intelectual daqueles que discordam de nós. Em *Psicologia da superstição*, o estudioso Gustav Jahoda observa que cada religião costuma envolver suas crenças com roupagem verbal incontestável, denominando-as "doutrina secular", "sabedoria do oriente" ou "ciência oculta", e tentam caracterizar outras crenças ou opiniões como falsas. Muitos dos chamados "místicos" frequentemente se consideram uma "minoria esclarecida, superiores a nós em inteligência e compreensão e rejeitam indignadamente a classificação de supersticiosas" – apesar de cultuarem criaturas tão fabulosas quando as da cultura popular.

"É mais fácil acreditar em lobisomem do que em Deus, porque ninguém nunca viu Deus, mas muita gente já viu lobisomem"

Mas qual o critério para considerar uma crença "correta" e outra "falsa", se ambas partem do mesmo princípio de relacionamento existencial com o mundo? O que caracteriza qualquer crença não é sua racionalidade objetiva, mas a fé em um mistério inexplicável. Acreditar e conviver com anjos, demônios, sacis, espíritos, pombagiras, botos mágicos ou assombrações é uma questão de fé e de contexto cultural. O escritor e professor da Uniube, Hugo Prata, brinca que é mais fácil acreditar em lobisomem do que em Deus, "porque ninguém nunca viu Deus, mas muita gente já viu lobisomem".

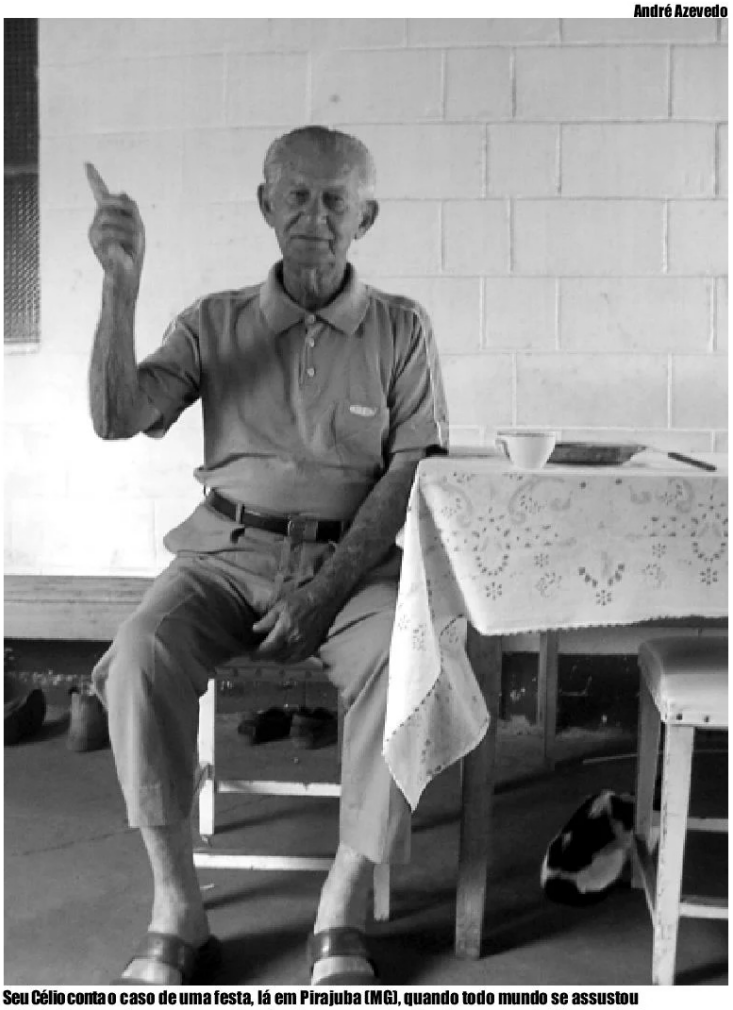
Por outro lado, Jahoda argumenta que crenças não são apenas coisas dentro das cabeças das pessoas, pois realmente afetam o comportamento. Se uma grande quantidade de pessoas acreditam no mau presságio da sexta-feira 13, ficam apreensivas e mais suscetíveis a acidentes. Quando investidores estrangeiros acreditam que o valor do Real está para cair, eles venderão seus títulos na bolsa, o que causará, de fato, a queda da moeda. Esse fenômeno é conhecido como "profecia da auto-realização".

O autor cita um caso verdadeiro de uma mulher saudável que, submetida a uma cirurgia simples, acaba falecendo. Então, os familiares disseram que uma cartomante havia previsto sua morte na mesa de operação há vários anos. "Supomos que as ativas tensões emocionais acrescentadas à tensão fisiológica da cirurgia tiveram alguma relação com sua morte", declarou o médico na ocasião. Tal reação fisiológica é notada nos placebos, simulações de medicamentos desprovidos do princípio ativo, que acabam curando as doenças por causa da crença do paciente de que está sendo curado

Benzedeiras e berrugas

A professora de Jornalismo na Uniube, Alzira Borges, conta que já foi curada, por

André Azevedo



Seu Célio conta o caso de uma festa, lá em Pirajuba (MG), quando todo mundo se assustou feito doido quando apareceu, pela primeira vez naquelas bandas, um caminhão na estrada

Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular"

Câmara Cascudo
foto: Carlos Lyra (reprodução)

Câmara Cascudo

issuu-downloader.com

uma benzedeira, de 66 berrugas em todo corpo, em 1983. "Quando eu caía de *skate* ficava aquele monte de berruga pendurada. Doíííía. Não podia nem pôr esparadrapo, porque aí ela ia querer sair junto". Alzira já havia tentado várias coisas para eliminá-las, inclusive um ácido que um dentista uma vez recomendou. "Nos primeiros dias adiantava, porque ficava queimadinha, murchinha, mas depois ela voltava em uma versão piorada".

Como havia tentado de tudo, topou procurar uma benzedeira no bairro Fabrício. A coisa funcionou assim: primeiro, uma pessoa deveria ir junto, porque a dona das berrugas não poderia contá-las – "regras" da benzição. Aí, enquanto essa pessoa contava berruga por berruga – uma berruga, duas berrugas, três berrugas – a benzedeira invocava suas rezas e fazia um pequeno corte numa folha de assa-peixe, até chegar nas 66. "Eu fui três quartas-feiras seguidas. Na segunda sessão já tinha baixado para cinquenta. Na terceira, só tinha a metade. Um tempo depois, sumiram de vez. Eu nunca mais tive nenhuma berruga".

Alzira, que se declara católica, sempre acreditou em benzição também. Como mostrou o cineasta Eduardo Coutinho, no documentário *Santo Forte*, o sincretismo religioso no Brasil torna as pessoas mais tolerantes às diversas crenças.

Cobras e lagartas

Fernando Peres, 38, nunca se esqueceu da benzedeira que, em sua adolescência, salvou uma lavoura de milho das lagartas-de-cartucho, na roça de seu pai, em Planura (MG), no fnal dos anos 70. "A praga estava acabando com a plantação. Já estava praticamente perdida. Aí, um dia trouxeram, de carro, a benzedeira de Planura. Ela chegou e benzeu os quatro cantos da lavora. Era inacreditável o poder dela. Enquanto ela benzia, as lagartas começaram a cair mortas, foi uma chuva de lagarta. E isso eu vi. A lavoura prosperou depois disso." Depois dessa façanha, para brincar com o garoto, a benzedeira ainda catou uma caixa de marimbondos cheia e, sem que levasse uma picada sequer, deu para ele segurar.

Alzira já foi curada, por uma benzedeira, de 66 berrugas espalhadas pelo corpo

Célio Peres, 84, o pai de Fernando, mora em um sítio próximo ao bairro Volta Grande. Na sua juventude, tocava caravanas de porcos, a pé, de Minas Gerais a Mato Grosso. Levava um mês. Vinha devagar, trocando e vendendo porcos pelo caminho. Saia de Pirajuba (MG) com uns cem animais e chegava em Paranaíba (MT) com uns cinquenta. Seu Célio conhece muitas hitórias fantásticas. Ele sempre se recorda de um episódio que assombrou os moradores da cidade mineira de Planura, a 110 km de Uberaba. No começo da década de 40, uma comunidade fazia uma festa no campo quando, de repente, aparece na estrada um caminhão. Aí o povaréu deseperado saiu catando cavaco e vazou na braqueária! Ora, ninguém nunca tinha visto um caminhão na vida, que diabo de troço mais doido era aquilo?! Crianças, matronas e peões saltaram estrebuchando e correram como podiam, se rasgando em arame farpado, morrendo de medo do caminhão, coisa esquisita. Só um pouco depois foram se aproximando e se dando conta das maravilhas da tecnologia moderna. "É o medo do desconhecido", observa.

"Enquanto ela benzia, as lagartas começaram a cair mortas, foi uma chuva de lagarta"

Nessa época, seu Célio conhecia um homem que benzia a si próprio e curava-se até de picada de cobra. "Era o seu Balduíno, um moço tão educado que chamava cachorro de *senhor*. Ele ia em casa quase todo dia, mas uma época deu uma sumida. Quando apareceu, meu pai perguntou: *o que foi que o senhor sumiu? – Ah, seu jacinto, um bichinho aí me pegou.* O 'bichinho' era uma cobra, uma sucuri. Ele ficou uns oito dias sem dizer pra ninguém. Ele mesmo benzia ele mesmo na ferida, e curou", conta.

Lagarta-do-cartucho, praga comum em lavouras de milho, foi eliminada com reza de benzedeira

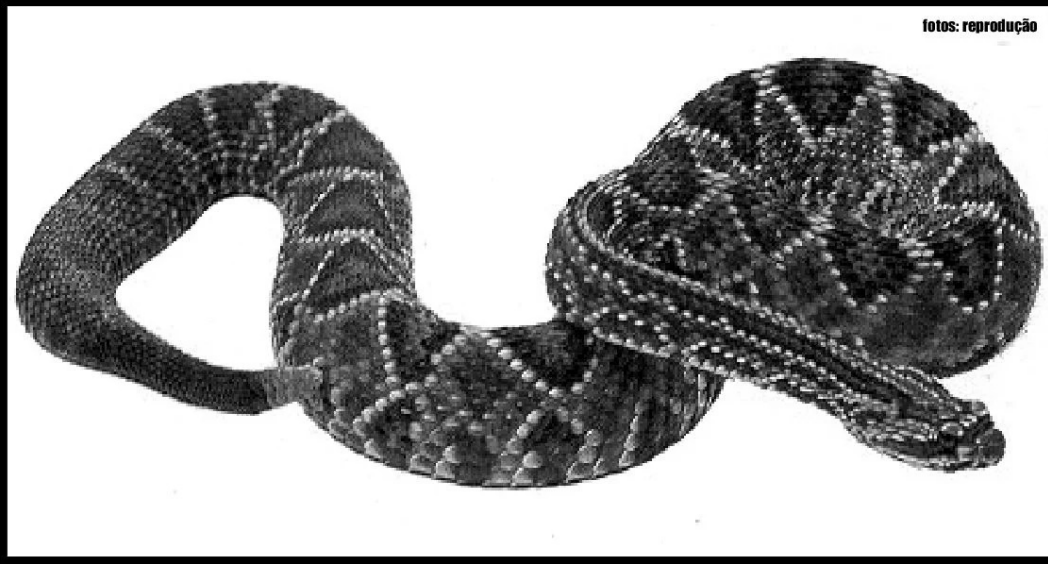
Seu Célio conhecia um homem que benzia a si próprio e curava-se até de picada de cobra

Seu Célio também se lembra de uma história envolvendo o cachorro de seu Balduíno, o (Sr.) Leão. Certo dia, Leão estava sumido e resolveram procurá-lo no meio do mato. No caminho, encontraram uma sucuri toda gorda, barrigão pra cima – tinha acabado de comer um animal. Os homens mataram a cobra e abriram a barriga dela. E não é que o Leão saiu lá de dentro, saltitando e latindo feliz para o dono?

Mas uma das histórias de cobra mais populares no folclore brasileiro é a da cascavel que, à noite, entra pela fresta do barraco, mama no seio da mulher e coloca o chocalho na boca do bebê, como uma chupeta, para ele não chorar.

Leny Azevedo, 58, lembra que em sua infância na roça, no Espírito Santo, circulava na família uma história de que uma cobra mamara no peito de sua mãe e distraíra o bebê (sua irmã mais velha), colocando o "rabo" em sua boca. Roberto Borges, 72, ouviu uma história semelhante, mas em outro lugar, e com outras pessoas. Dizia-se que um bebê estava muito desnutrido, e ninguém descobria o que era. Foram vigiar a mãe, e acabaram descobrindo que uma cobra descia toda noite pelo telhado e mamava todo o leite, de forma que não sobrava nada para a criança. Aí, uma noite, o pai esperou a cobra descer e meteu o porrete. Seu Célio, que sempre viveu em roça, conta que se lembra de histórias de cobras que bebiam leite de vaca, "e a vaca gostava, ficava quietinha".

A região norte de Minas Gerais também é rica nessas histórias. São comuns os relatos do homem que benzia uma porção de terra no chão e, chovesse o que chovesse, nesse pedaço não caía uma gota; do outro que castrava macho no rastro, riscando com a faca as pegadas do deflorador de forma que este nunca mais conseguia "ser homem"; ou do matador profissional que virava um toco de pau em brasa quando queria se esconder da polícia – os policiais chegavam a acender o cigarro nele e não o viam. Mas deixemos pra depois, que isso dá assunto para uma outra reportagem.



fotos: reprodução

Uma das histórias de cobra mais populares no folclore brasileiro é a da cascavel que, à noite, entra pela fresta do barraco e mama no seio da mulher e coloca o chocalho na boca do bebê, como uma chupeta, para ele não chorar

Como mostrou o cineasta Eduardo Coutinho, no documentário *Santo Forte*, o sincretismo religioso no Brasil torna as pessoas mais tolerantes às diversas crenças

issuu-downloader.com

Maria Alumiô

Karla Marília Meneses
6º período de Jornalismo

Maria Bonita sentada - xilogravura de Karl Heinsz Hansen (reprodução)

A mulher trabalhava, resfolegante , num mercado de peixes, limpando as fedorentas e borbulhantes vísceras marinhas sob um sol escaldante, tempo seco, pó rastejante do sertão. Foi quando sentiu a pontada de dor, cortante como as facas que utilizava para limpar os bichos e outro bicho lhe escorregou mole e molhado por entre as pernas. Deu um berro a princípio tímido e outro chôro, forte como um zurro comprido de burro, se seguiu.

Automaticamente a mulher revolveu o montão de vísceras e lá estava o recém-nascido de cara rôxa, a barriga magra inflada pelo chôro. A mãe pegou a faca e cortou o cordão umbilical. Era menina, sétimo degrau de uma escadinha de filhos. Vendo a faca *alumiando* sob o sol impiedoso do meio – dia, botou o nome da recém – chegada de Maria Alumiô.

Noite, Piripiri era a cidade das areias, de casas azuizinhas, janelas ora verdes, ora rosas, madeira de jatobá. As mulheres tinham dois filhos, cada um de um lado da anca e outros bolando na terra, brincando de imbolada, cantando cantiga milenar de criança: *imbolar vô imbolá, imbolá rebola bola...* Maria Alumiô, menina calcada pelo sertão do Piauí de mandacarus em flor, querendo ser moça para as noitadas de xaxado no Bar das Brenhas, ouvir o trinar de Zé das Sanfonas. Era menina, como são todas as meninas. Debulha milho e come pequi, rindo com outras tenras na idade, mulatinha aurora rosa de doze, catorze, quinze azuis anos. A mãe teve três maridos, dois deles na distante Serra do Cipó, um mais distante ainda, num túmulo triste e seco da cidade.

Alumiô observava o tempo, o arrastar interminável da secura dos dias, o bafão quente das tempestades de areia. Sentia-se diferente, avessa das demais, apesar de trabalhar no mercado de peixes com a mãe Gonzaga, ficar na lida da roça e usar um vestidinho de flores miúdas de chita aos domingos na missa. O que a incomodava - enquanto as outras meninas sonhavam em casar e morar em São Paulo – era a natureza brutal, solitária e arrasadora do deserto em que morava. Parecia que tornava-se retrato da natureza do lugar. O sol, lume dourado e castigador, a observava, os urubus e os carcarás carniceiros pareciam chamá-la, envolventes, mas ela ficava ali, *encruada* igual bezerro novo.

Na casa de Dona Juliana, mulher antiga do lugar, padre Gregório organizava a festa de Sant'Ana, mãe da Virgem Maria. As velhas rezadeiras murmuravam o rosário, revolvendo suas dentaduras no céu da boca enquanto as meninas cantavam em latim : *Ó orai pro nobis !* Depois, todos comiam beijus e tomavam licor de jenipapo e chá de cidreira bem docinho, os homens tomavam pinga de engenho, um *engasga – gato*, e jogavam cartas. Alumiô de mãos cruzadas nos joelhos magros, percorria com os grandes olhos amarelos as paredes da casa de taipa da matrona Juliana, via os escorpiões pretos descerem e subirem, brigarem entre si e com as lacraias. Ficava ali, por horas, os bichos com ela conversavam, os ferrões convidativos.

-Essa aí é *verdosa*, *nasceu prá cangalha* – as meninas cochichavam maldosas na hora do rosário – Tem um quê de doida !

-Deixemo de coisa, conversa fiada – ralhou Eufrazina, única filha de Zé das Sanfonas. Chegou de leve em Alumiô e lhe tocou o braço. A outra pareceu acordar dum sonho.

Se as meninas de Piripiri *encrespavam* com o jeito de Maria Alumiô, não se podia dizer o mesmo de Manel de Januária. As moças gostavam do rapaz que veio de fora, letrado, sabendo escrever o próprio nome, assinatura sem erro nenhum. Tinha seu pedaço de chão onde plantava cana, ele mesmo cortava e vendia para as usinas que eram coisa crescente na região. Nas festas e no bar de Zé das Sanfonas usava uma camisa xadrez, calças de cambraia do Ceará e sandálias de couro curtido. Ficava ali, na espreita, observando Maria Alumiô, olhando as dobras de suas saias de chita, os cabelos escuros e compridos, a pele oleosa como azeite, perfumosa como garapa de cana, o modo sério como fazia o sinal da cruz, a boca castigada, rachada pelo sol, sempre entreaberta como flor de mandacaru e os olhos grandes oscilando, sabe – se lá por quê, ora aqui, ora ali. Mas a menina, quase moça feita, parecia não notar a presença do moço, rapaz completo. E ele era moço bem posto, engomado, de boa figura. Quando acordava de madrugada, afiava a navalha e se barbeava para vender a cana cortada no dia anterior, olhando no espelhinho matinal seu jeito de caboclo da peste, com a cara ancestral dos primeiros homens que abriram as trilhas difíceis do sertão, sorria com prazer. E Manel dizia, consigo mesmo: - Ê cabra, que tá na hora de tu ter um filho ! – A mulher que ele sonhava era Alumiô mas era novinha demais, quase igual novilha, prá casar. Nesse interim, Manel frequentava a Casa das Meninas, o bordel da cidade.

- Diacho de lugar que nada presta! – saía braba, botando maribondo pelas ventas – Daqui nem umas roseiras se pode esperar

A casa de Maria, como todas as casas das redondezas, era caiada, taipa de singela porta e janelas coloridas. Na sala, um rádio que, mal sintonizado, trazia notícias extraordinárias de lugares distantes, sem roteiro nem esperança dos ouvintes um dia conhecerem. Um quadro da Sagrada Família e do carrancudo Padim Padre Cícero, eram objetos de culto. No quintalzinho, um pé de guabiroba, jiló, erva cidreira e nhame. Algumas galinhas ciscavam. Alumiô gostava de ficar amassando farinha à noite, olhando as estrelas. Peneirava no balaio o arroz pilado, soprando as cascas remanescentes ao sabor do vento. Mas seu apego de amor era observar a terra, a natureza e suas variações. Segurava as guabirobas verdes entre as mãos, e repentinamente, elas se tornavam maduras e Maria as saboreava com prazer. Os irmãos avexavam-se com a demora: - Hora de dormir, vem rezar o Pai Nosso!

A sertaneja deixava as guabirobas estourando de maduras no chão. E já de manhã, as sementes brotavam verdes, enramadas no solo.

A mãe, Dona Gonzaga, ganhou roseiras, e mesmo sob um sol desesperançoso, no vapor perverso do vento onisciente do sertão, insistiu em plantar as mudas no quintal. Antes de ir para o mercado limpar os peixes, aguava as roseirinhas mortas – vivas, sêcas de dar dó.

– Diacho de lugar que nada presta! – saía braba, botando maribondo pelas ventas – Daqui nem umas roseiras se pode esperar.

– A rosa daqui é a flor do mandacaru – Alumiô murmura calmamente – Essa planta não é filha daqui.

- Como não é filha daqui? Ficou aluada, menina? Planta é de qualquer lugar ! – Gonzaga saiu estrebuchando.

Ás sextas – feiras, as moças e crianças juntavam-se para quebrar coco babaçu. Fazendo coivaras, queimando o fruto para que as sementes se soltassem com mais facilidade, o alojavam sobre a lâmina de um machado e com paus de madeira, tiravam as castanhas e em latas vazias de óleo, vendiam por um preço nem sempre justo aos coronéis das fábricas. O babaçu, industrializado, virava um óleo que era comprado pelos mesmos que extraíram o fruto. De qualquer forma, era uma festa fazer as coivaras e quebrar os cocos, rindo e conversando, as crianças juntando as cascas que sobravam. Maria Alumiô não servia prá coisa: era avoada e nas tentativas de ganhar algumas moedas, o machado comeu seu dedo anular, já que ficava sonhando, flutuando numa terra estranha, inacessível para os demais. Sangrando, sem dar um pio, muda de doer, deixou que as mulheres envolvessem o toco de dedo com fumo e erva de mastruço. Tudo ficou por isso mesmo. Ela não foi mais quebrar coco babaçú nas brenhas. Foi mais ou menos a partir daí que as outras moças começaram a ficar mais avexadas. Achavam que Maria fazia corpo mole, queria ser *madama* como as mulheres dos coronéis da capital. Na ocasião em que debulhavam

issuu-downloader.com

milho na porta da casa de Eufrazina, caçoavam impiedosas vendo os burros passarem nas carroças e os cachorros ladrarem. Alumiô parecia impertubável. Ficava mascando um grão de milho, observando os homens com sacos de farinha pisada no pilão e Caetana dos Doces ir vender na praça seu tacho com goiabada fresquinha. A secura nordestina era doce como o buruti mas lhe parecia amargosa como o jiló do quintal da mãe. A natureza era por demais selvagem e injusta. Lembrava de gente com tralhas e galinhas nas costas indo para a Grande São Paulo, lugar de esperança, certeza de redenção e matança da fome. Essa vegetação do cerrado, retorcida como os olhos das crianças esfomeadas e barrigudas de lombriga lhe apertava o coração. Mas tal realidade era corriqueira e aceita por todos que não conheciam outra . Os corajosos fugiam, buscavam correr das coivaras de fogo e quando no sul chegavam, choravam querendo voltar pró norte.

-... o rastapé vai ser no Domingo, no Bar das Brenhas, depois da missa na capelinha. Mulher vai poder ir – Eufrazina avisa.

-Maria Aluada tem que ir, senão fica pr'o *caritó*! – as outras caçoaram, riram a valer. Subitamente, emudeceram e em silêncio, olhos arregalados, olhavam para Alumiô como se vissem o fantasma do Padre Cícero. Assustadas, desabalaram em louca corrida.

-Mas o que é isso ?! – Eufrazina indaga olhando o balaio e abrindo as mãos de Maria Alumiô. O sabugo sêco do milho, já debulhado, assombrosamente brotava grãos novos, amarelos e temporãos, como se houvessem recebido chuva.

Batista Pontual não era homem para brincadeiras. Violeiro, já de manhã estava no Bar das Brenhas e esperava seu comparsa Ferreirinha prá uma briga de cordel. Maria Alumiô muito bem apresentada no seu vestido de cambraia branca, foi com a mãe conferir a briga dos repentistas. Mas foi Seu Zé das Sanfonas que cantou:

Vô contá uma prosa
Que aconteceu na lua cheia
Lá na represa Santa Rosa
No interior do Pernambuco:
Fui pescá com meu compadre Zé Matuto
Que falta um dedão do pé
Da cuca é meio lelé
E conversa com os bicho bruto.
Não pegamo nenhum peixe
Só umas bota véia e uns feixe
Foi quando as água se abriu
E dela saiu
Uma cobra de quinze metro
A cobra era preta com os zói de fogo
Tinha umas pinta branca no rabo
E tive um pressentimento
Que minha hora tinha chegado
O bicho veio pr'o meu lado
Se enrolô na minha cintura
Abriu a boca não sei quantos de largura
E soltô um bafão quente
Meu compadre tava lá na frente

Lampião e Maria Bonita -xilogravura de Karl Heinsz Hansen (reprodução)

De costa, rindo e fumando igual o Caipora
Rezei uma Ave Maria, pois ia morrer agora
Comido pela cobra de quinze metro
O compadre achando que era brincadeira
Falô que não tinha cobra comprida
Igual a vara que tinha escondida
Prás moça que ele via na feira
Aí peguei um espinho de laranjeira
E meti na cobra dos inferno
Ela saiu vêsga, toda cabrêra
Igual as cachorra parida no inverno
Viu meu compadre
E engoliu o coitado
Ficou com ele na barriga um mês
Depois ele saiu pelo outro lado
Aposto meus galo de briga
Que aconteceu no sertão do Pernambuco
E quem não acredita nessa prosa
Pergunte prá minha muié Rosa
E pro meu vô caduco.

Foi nesse momento em que todos riam e batiam palmas, que Manel de Januária chamou Dona Gonzaga: - Um dedo de conversa, senhora: sua filha já teve as regras?

A mulher que não era boba nem nada já sabia que era conversa de casamento. Maria já era moça e necessitada de um casamento prá endireitar o juízo. Suspirou e disse apenas: - Tem a mão da menina para noivar de uma vez.

Noivado que nada. Casaram sob chuvas de arroz e os olhares invejosos das mulheres de Piripiri, que viam seu homem ir embora de vez. Os doces de buriti, de abóbora e o arroz com pequi foram algumas das iguarias. Maria foi prá lua-de-mel numa inocência cega, quase um tiro no escuro e a bala a perfurou, perfeita, no ato do amor. Mas o casamento não ia bem das pernas, capengava. A plantação de cana secava a olhos vistos, parecia maldição.

-Isso nunca aconteceu, parece coisa do Demo ! - Manel queixava.

-Cana-de-açúcar acaba com a terra – Maria dizia enquanto bordava sob a luz do sol na janela.

-Precisa ter um filho, minha flor, plantação é coisa de homem – o marido dizia num tom quase ameaçador.

Enquanto isso, as plantas de Alumiô, o inhame, milho, abóbora, guabiroba, folha de vinagreira e laranja da terra estavam viçosas, resplandecentes, cheias de vigor. Os urubus e os carcarás, animais carnívoros, espantosamente vinham no final da tarde comer os frutos colhidos por Maria.

Problema maior era quando Manel revirava na cama de madrugadinha, procurando a mulher e a encontrava no quintal, dormindo na terra, deitada no chão batido sob o céu carregado de estrelas órfãs, sem lua. Decidiu que a mulher estava precisando de um filho e trabalhou com suas armas de macho para que isso ocorresse o mais rápido possível. De fato, Maria Alumiô engravidou e a alegria foi compartilhada por todos. Até as antigas inimigas lhe trouxeram tijolos de rapadura como prova de apreço. Maria estava rosada e bela como nunca dantes fôra. O rosto amarelecido e esquálido tornou-se um halo de luz como as acácias em flor e por onde a jovem passava um rastro discreto do perfume de madressilvas trazia frescor ao escaldante calor, suavizando a terra de sulcos profundos, castigada pelo sol. E foi num dia estranhamente cinzento que Maria sentiu as dores do parto. O céu, antes azul, formava placas de nuvens escuras e pesadas e o povo ficou estupefato.

-Mas tem uns trinta anos que não chove! – Dona Gonzaga observou enquanto procurava as parteiras.

No quarto, o pai já doido, foi expulso pela sogra prá se acalmar e ir tomar um engasga – gato com Zé das Sanfonas, enquanto as mulheres esquentavam a água e as toalhas para a chegada do rebento.

E o tempo passando, três horas de tentativa das parteiras, os vizinhos à espreita na porta da rua, Eufrazina fazendo café na cozinha para os visitantes que queriam ver o filho de Maria Alumiô e Manel de Januária, nada da criança dar seu berro anunciando chegada ao mundo. Depois de seis horas, já noite, as parteiras abriram a porta do quarto, mudas e assombradas: todos correram e Manel, já bêbado, precipitou-se esbaforido. Todos viram um espetáculo assombroso e inesquecível, fantástico e doloroso: sobre a cama estava um corpo de mulher e os cabelos escuros tornaram-se longas madeixas verdes, folhagens vivas enramadas que desciam até a cintura. Da boca escorregavam pétalas doces de flor de maracujá, convidativas ao toque de quem quisesse experimentar-lhes a textura fabulosa. Em seu corpo inteiro nasciam chumaços de musgo, graminhas verdinhas como recém – nascidas da chuva, quase um tapete, com pequeninas florzinhas azuis jamais vistas por qualquer olho humano. O marido, reverentemente, a enterrou no quintal, entre as plantações de guabiroba. Foi então que uma chuvinha suave e silenciosa caiu por toda a cidadezinha.

Por muitos anos o povo não falou de outra coisa.

issuu-downloader.com

Polêmica

Cotas levantam discussões sobre preconceito racial

Charges de Rafael Sica provocam discussões sobre o estereótipo do negro na sociedade

Da redação

Como em um texto editorial, a charge é capaz de, através da representação de um instante, fazer verdadeiros discursos sobre diversos assuntos da sociedade. Enquanto atividade artística, além de permitir múltiplas leituras, a charge também mostra-se capaz de dizer coisas que a palavra nem sempre consegue transmitir.

Uma das questões em pauta na atual sociedade brasileira é a instituição de cotas para afrodescendentes nas universidades, como forma de equalizar a visível desigualdade social entre negros e brancos. Apesar de ser evidente o desfavorecimento dos negros no mercado de trabalho, ainda há diversos argumentos contra e a favor da solução das cotas, e a discussão parece ainda não estar concluída.

Por isso mesmo, é muito importante alimentar o debate e avançar. O fato é que, seja qual for o instrumento, negros e brancos devem encontrar alternativas urgentes para que todos alcancem a verdadeira justiça social, baseada na igualdade de direitos e oportunidades.

O estudante de Comunicação na Universidade Católica de Pelotas (Ucpel), Rafael Sica, é um chargista de primeira e já teve diversos trabalhos publicados no Pasquim21. Através de seus trabalhos, ele entra nesta polêmica discussão.

issuu-downloader.com